

## INCIDÊNCIA DE GESTANTES COLONIZADAS COM O *STREPTOCOCCUS DO* GRUPO B DURANTE O PRÉ-NATAL

Descritores: Gestantes, *Streptococcus agalactiae*, diagnóstico precoce

**INTRODUÇÃO:** O *Streptococcus* do grupo B (EGB) coloniza principalmente os tratos intestinais e geniturinários das gestantes.<sup>1</sup> A grande relevância médica deste microrganismo está na infecção do organismo materno, causando infecções urinárias, corioamnionite, rotura prematura de membranas, trabalho de parto prematuro, endometrite puerperal e até mesmo comprometendo a evolução da gestação. Além disto, a colonização materna por EGB é uma das principais causas de sepse neonatal precoce, devido a contaminação do recém-nascido (RN) ao contato com a bactéria no momento do trabalho de parto (TP), podendo gerar quadros graves de pneumonia, meningite e até mesmo a morte neonatal.<sup>2</sup> **OBJETIVO:** Analisar artigos que identificaram a incidência de gestantes colonizadas com EGB durante o pré-natal.

**METODOLOGIA:** Revisão integrativa realizada pelos descritores: gestantes; *Streptococcus agalactiae*; e diagnóstico precoce, nas bases de dados SciELO; LILAS e Portal da BVS. Foram incluídos artigos que identificaram o impacto da triagem precoce de gestantes colonizadas com o *Streptococcus* do grupo B na redução da morbidade e mortalidade neonatal; nos anos de 2013 a 2018; gratuitamente disponíveis na íntegra; nos idiomas português, inglês e espanhol.

### RESULTADOS:

Título do Artigo	Autores	Ano de Publicação	Resultados	Conclusões
<b>Prevalência de <i>Streptococcus agalactiae</i> em gestantes da Grande Porto Alegre, RS: relato de caso</b>	Nunes PR, Oliveira MS.	2015	40% das gestantes colonizadas por EGB, principalmente, entre 34 <sup>a</sup> a 37 <sup>a</sup> semanas de gestação (64%).	Detectou-se a importância da inclusão da pesquisa desse microrganismo nos exames pré-natais, evitando infecções potencialmente fatais no RN.
<b>Colonización vaginal/ rectal por <i>Streptococcus agalactiae</i> en gestantes de Melena del Sur, Cuba</b>	Cruz AA, Peraza GT, Caballer o RL.	2014	27,5% de gestantes colonizadas com EGB. No TP, 18,2% das gestantes colonizadas apresentaram fatores de risco; e quatro RNs desenvolveram sepse neonatal.	Fica evidente a importância da triagem no pré-natal e profilaxia das parturientes colonizadas e com fatores de risco.

<b>Caracterización de las gestantes tamizadas para <i>Streptococcus agalactiae</i> y su relación con sepsis neonatal temprana, en la Clínica del Prado de Medellín (Colombia), año 2010</b>	Ceballos CA, Loaiza N, Romero J, Ospina M, Vásquez EM.	2013	Prevalência da colonização de EGB vaginal-reto foi de 17,6%. Nenhum RN das gestantes incluídas no estudo desenvolveu sepse neonatal; porém nos demais registros dos partos de 2010 da clínica encontrou-se 11 casos.	A triagem universal de gestantes mostrou-se importante pois ao conhecer o status do portador permite ações apropriadas para minimizar a incidência de sepse neonatal.
<b>Prevalência da colonização por <i>Streptococcus agalactiae</i> em uma amostra de mulheres grávidas e não grávidas de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul</b>	Kiss FS, Rossato JS, Grauden z MS, Gutierre z LLP.	2013	15,2% de gestantes colonizadas com EGB e 6,4% de não gestantes colonizadas com EGB.	Enfatiza-se a importância de detectar essa colonização no final da gravidez, para uma prevenção eficaz da doença estreptocócica neonatal.
<b>Frecuencia de colonización por Estreptococo grupo B en embarazadas de 35 a 37 semanas en el Hospital Materno-Infantil San Pablo</b>	Ortiz MEI, Fariña NII, Sanabria RRII, Caballer o EI, Dacak RI, Haramot o NI, Acuña VI.	2013	23,6% de gestantes colonizadas com EGB.	Este estudo permitiu dimensionar o problema no país e demonstrar a necessidade da implementação de um programa nacional para a detecção de EGB rotineiramente em gestantes. Desta forma, a morbidade e mortalidade perinatal e materna podem ser reduzidas com a administração oportuna do tratamento profilático.
<b>Pesquisa do estreptococo do Grupo B em gestantes da Zona Leste de São Paulo</b>	Função JM, Narchi NZ.	2013	17,4% colonizadas com EGB; 43,5% delas realizaram o exame entre 35 e 37 semanas de gestação; 23,5% não realizaram o exame.	Foi possível concluir que há falhas no rastreamento do EGB, principalmente no período de coleta.

**DISCUSSÃO:** Existem falhas no rastreamento do EGB, principalmente acerca da idade gestacional adequada para a coleta, tal fato pode advir de erros no cálculo da idade gestacional, que por vezes é baseado na data da última menstruação (DUM) ou pela ultrassonografia precoce.<sup>3</sup> Nos resultados de todos os estudos, ficou evidente a importância da coleta de cultura vaginal e perianal para pesquisa desse microrganismo nos exames pré-natais, evitando infecções potencialmente fatais no recém-nascido. Porém, no Brasil, o estreptococo do grupo B não tem sido ainda devidamente valorizado na etiologia dos processos infecciosos que acometem os RNs e as puérperas, apesar da gravidade da infecção e de a mesma ser passível de benefícios profiláticos.<sup>5</sup> Isto se deve a existência de poucos trabalhos evidenciando a prevalência de colonização materna e neonatal pelo EGB, sendo também recente, no Estado de São Paulo, o protocolo sobre a realização universal da pesquisa em gestantes.<sup>4</sup> **CONCLUSÃO:** Há a necessidade de novas pesquisas de incidência de infecção neonatal precoce pelo EGB e a implementação de um programa nacional para a detecção do mesmo na gestação. Trata-se de um trabalho de equipe num modelo de referência e contra referência que compete à Atenção Básica o rastreamento e a assistência ao parto no âmbito hospitalar, a antibioticoprofilaxia, permitindo reduzir drasticamente os índices de morbi/mortalidades causadas pelo EGB no período neonatal.

**REFERÊNCIAS:** 1. Filho DSC, Tibiriçá SHC, Diniz CG. Doença perinatal associada aos estreptococos do grupo B: aspectos clínico-microbiológicos e prevenção. HU Revista. 2008;34(2):127-34. 2. Alger LS, Lovchik JC, Hebel JR, Blackmon LR, Crenshaw MC. The association of Chlamydia trachomatis, Neisseria gonorrhoeae, and group B streptococci with preterm rupture of the membranes and pregnancy outcome. Am J Obstet Gynecol. 1988;159(2):397-404. 3. Melet D, Caetano ACR, Nardozza LMM, Araújo Junior E, Moron AF. A ultrassonografia rotineira em pré-natal de baixo risco colabora com a diminuição das mortalidades maternas e neonatais? Femina [Internet]. 2010 [citado 2012 jan. 28];38(8):435-9. 4. Função JM, Narchi NZ. Pesquisa do estreptococo do Grupo B em gestantes da Zona Leste de São Paulo. Rev Esc Enferm USP 2013; 47(1):22-9. 5. Daley AJ, Isaacs D; Australasian Study Group for Neonatal Infections. Ten-year study on the effect of intrapartum antibiotic prophylaxis on early onset group B streptococcal and Escherichia coli neonatal sepsis in Australasia. Pediatr Infect Dis J. 2004; 23(7):630-4.